

101 CANÇÕES QUE TOCARAM O BRASIL

EPISÓDIO UM/PILOTO

FRASE DE ABERTURA (FIXA)

NM/ON: Toda canção conta uma história. E essas cento e uma canções contam a história de um século do sentimento brasileiro. E de todos nós.

CABEÇA

NM/ON: Em raros países a música popular tem tanta presença e importância na vida das pessoas como no Brasil. Inspiração para casamentos e revoluções, para encontros e separações, trilha sonora da política e da crônica social, na alegria e na tristeza a canção é um documento da identidade nacional. Ao longo de um século da nossa história, quando uma mesma música tocou muito no rádio, na televisão, nas ruas e nas casas, tocou o coração do Brasil e a vida de muitas pessoas tão diferentes, se tornou a memória do sentimento coletivo que eterniza essas 101 canções. (40")

leiteiro “Ó ABRE ALAS”, Chiquinha Gonzaga, 1899

NM/OFF: Feminista, antes mesmo da criação do termo, republicana e abolicionista, Chiquinha Gonzaga fez uma revolução de costumes por meio da música. Maestrina, compositora e pianista, foi, ao lado do mestre Joaquim Calado, uma das fundadoras do choro, como uma versão brasileira para os estilos estrangeiros como a valsa, a polca, o tango e a habanera. Antes do surgimento do disco e do rádio, ela já imprimia seu talento nos teatros e nas partituras que vendia pelas ruas do Rio. (35")

sobe som trecho da música

NM/OFF: Separada duas vezes e marginalizada pela sociedade, aos 52 anos, Chiquinha se apaixonou por um aluno, de 16 anos, que seria o grande amor de sua vida e com quem ficaria até a sua morte, aos 87 anos.

Chiquinha compôs “ O abre alas” em 1899 inspirada pelo novo amor e pelo grito de guerra dos ensaios do cordão Rosa de Ouro, perto de

suacasa, anunciando um novo gênero que se tornaria a trilha sonora da alegria brasileira, as marchinhas de carnaval. Nos primeiros anos, a música ficou restrita aos foliões do Rosa de Ouro, mas no início de 1904, foi adaptada para uma peça de teatro, transbordou para as ruas e caiu na boca do povo, de onde nunca mais saiu. (50")

sobe som trecho da música

NM|OFF: Mais do que um chamamento à liberdade e à alegria, "Ó Abre Alas" ecoa até hoje como declaração de princípios de uma mulher de vanguarda e um grito de guerra aos preconceitos.

Pela sua concisão e permanência, os versos de "Ó Abre Alas" são, provavelmente, os mais repetidos da história da música brasileira. Em apenas três estrofes, ela pede passagem, não nega as origens e celebra a vitória. Opção para quem não podia frequentar os bailes da sociedade, foram os cordões populares que acabaram levando as marchinhas para os salões. Alegoria da mobilidade social, porta bandeira de todas as liberdades, hino do Carnaval, "Ó Abre Alas" celebra a apoteose de Chiquinha Gonzaga. (50")

TOTAL DAS FALAS: 2'55"

sobe som 1 minuto da música

ALÇA PARA O MÓDULO DOIS

NM/OFF: A marcha reinava absoluta no início do século XX. Só depois de muitos carnavais, o samba mandou avisar que já estava pronto para entrar na festa. (10")

letrero "PELO TELEFONE", Donga e Mauro de Almeida, 1916

NM/OFF: Para muita gente, aquilo parecia mais um maxixe. Mas, foi sob o rótulo de samba, que a canção "Pelo Telefone" chegou ao mercado em 1916 gravada pelo cantor Bahiano e a Banda da Casa Edison. Em busca do atestado de paternidade do samba, pesquisadores encontram a mesma classificação em pelo menos dois outros discos editados na mesma época, que sumiram no tempo, enquanto "Pelo Telefone" entrou para a história como primeiro samba gravado.

Sua autoria também provoca polêmica até hoje. Embora tenha sido assinado por Donga e Mauro Almeida, seria uma criação coletiva, no

fundo de um terreiro de Tia Ciata. Em sua casa, na Praça Onze, a lendária Tia Ciata era a anfitriã daquela roda de improviso, que brincava com a permissividade da polícia com o jogo clandestino. (60")

sobe som inicio da música

NM|OFF: João da Baiana, Pixinguinha, Sinhô, Germano Lopes, João da Mata, Caninha, Hilário Ferreira, Mauro de Almeida, e a própria Tia Ciata abençoaram o novo samba. Mas quem correu para registrá-lo na Biblioteca Nacional foi Donga. Para se defender, evocou a máxima de Sinhô: “Música é como passarinho, é de quem pegar primeiro”. Sob protestos, concordou em dividir a autoria apenas com o jornalista Mauro de Almeida, que teve a missão de consolidar a letra.

Sucesso imediato na época, a musica mudou definitivamente o andamento do carnaval. Seu título é sugestivo das possibilidades crescentes que levariam o samba do fundo do quintal para o centro das atenções. Por meio de discos, de programas de rádio e das polêmicas que provocou, "Pelo Telefone" continua tocando até hoje nos celulares, enquanto a polícia carioca e o jogo clandestino comemoram um século de alegre convivência. (65")

TOTAL DAS FALAS: 2'15"

TRECHO DA CANÇÃO

ALÇA PARA O MÓDULO TRÊS

NM/OFF: O primeiro samba abriu caminho para a consagração de uma musa miscigenada que foi um sucesso espetacular no Carnaval de 1932 e nunca mais saiu da boca do povo. (15")

leiteiro “O TEU CABELO NÃO NEGA”, Irmãos Valença e Lamarine Babo, 1932

NM/OFF: Num mundo cada vez mais orientado pelos exageros politicamente corretos, a mulata de Lamartine Babo e dos irmãos Valença é um monumento ameaçado pelo revisionismo histórico. Entre preconceitos reais e patrulhas digitais, a ode à miscigenação brasileira em “O Teu Cabelo não nega” já não tem a inocência maliciosa de outros carnavais. Hoje é acusada de racista pelo cordão dos ofendidos.

A prova do crime estaria logo na primeira estrofe. Rimar “o teu cabelo não nega” com o verso “mas como a cor não pega” foi a forma quase cômica de implorar pelo amor da mestiça. O que era uma simples brincadeira levou quase oitenta anos para ser entendida como ofensa. Mas quem quer o amor de quem despreza ? (55")

sobe som trecho da música

NM|OFF: O sucesso foi imediato. No carnaval de 1932 “O Teu Cabelo” espalhou sua alegria pelos salões e pelas ruas, com todos encantados pela mulata que parecia de outro planeta e provocava uma concorrência colossal entre os portugueses do Vasco da Gama e os pretos e mestiços do Batalhão Naval.

sobe trecho "quem te inventou meu pancadão|teve uma consagração"

NM|OFF: Mas o real conflito foi em torno da autoria da música, que nasceu dois anos antes no Recife como um frevo dos Irmãos Valença chamado "Mulata". Visitando a cidade, Lamartine Babo ouviu, e gostou tanto, que fez algumas modificações na letra, desacelerou o frevo transformando-o em marchinha e registrando como sua.

O Irmão Valença, que aliás eram mulatos, entraram na Justiça e conquistaram o direito à parceria de um dos maiores sucessos populares da história da música brasileira. (60")

Carnaval após Carnaval, enquanto patrulha não pega, ela segue sendo cantada por brancos, pretos e mulatos, eternizando o humor e a alegria de Lamartine, o Lá maior das marchinhas. (15")

1 minuto da música

TOTAL DAS FALAS: 2'25

ALÇA PARA O MÓDULO QUATRO

NM/OFF: Enquanto a marchinha dominava os Carnavais, o gênio precoce de Noel Rosa formatava o samba urbano e dava um novo rumo a música brasileira com obras-primas imortais . (15")

letreiro “FEITIÇO DA VILA”, Noel Rosa e Vadico, 1934

NM/OFF: Ao trocar o dia pela noite e a Faculdade de Medicina pela escola da vida, Noel Rosa caiu na boemia e se tornou frequentador das rodas de samba da Zona Norte do Rio de Janeiro e os cafés do Centro

da cidade. E logo se tornava uma grande revelação de compositor com seu estilo unico movido a rimas ricas e sonoras, combinando simplicidade e sofisticação, fazendo a crônica social com humor e espirito critico, e lindas canções romanticas que antecipavam em vinte anos o nascimento do samba-canção. Como "Feitiço da Vila". (35")

sobe som inicio da música

NM/OFF: Composto em parceria com o grande pianista paulista Vadico e lançado em disco em 1934 por João Petra de Barros, "Feitiço da Vila" é uma declaração de amor ao samba e ao seu bairro de Vila Isabel. A partir de Noel o samba urbano ganhou um novo formato, celebrando um estilo de vida em que o lirismo encontra a malandragem, e o subúrbio se une ao coração da cidade.

"Feitiço da Vila" é fruto de uma célebre polemica musical com Wilson Batista em que os compositoes não trocavam tiros nem pernadas, mas versos e melodias. (35")

Em 1933, ainda iniciante, Wilson era talentoso e folgado e tinha lançado o samba "Lenço no Pescoço", que fazia apologia à malandragem. Noel Rosa achou que o termo associava sambista a bandido e respondeu com "Rapaz Folgado". E Wilson respondeu. Depois de várias trocas de chumbo musical, Noel encerrou a guerra vitorioso com a insuperável "Feitiço de Vila".

sobe som trecho da música (15")

NM/OFF: No fogo da polemica, alguns denunciavam no feitiço de Noel traços de racismo e discriminação ao candomblé, mas a obra e a vida do poeta não deixam dúvida. Numa época em que ser artista era eufemismo para vagabundo e compositores brancos compravam músicas dos sambistas negros, Noel se juntou a baluartes do samba como Cartola e Ismael Silva apenas por amizade, admiração e afinidade. Circulava entre a Lapa, o Estácio, e os morros do Rio, mas foi a partir da sua vila com nome de princesa, que Noel exaltou a nobreza da cultura popular e transformou o samba num feitiço. (40")

Enquanto Noel entrava para a história como um dos pais-fundadores da música brasileira e é constantemente celebrado, Vadico, que foi seu parceiro em 8 belas canções, foi completamente esquecido. (15")

TOTAL DAS FALAS: 2'45"

sobe som 1 minuto da música

TOTAL DE FALAS 10' 20"

média por música 2'35"